



ID: 50346919

19-10-2013 | Atual

CAPALIVROS





"SOMOS CRIATURAS CAÍDAS"

JM COETZEE

É um dos maiores escritores vivos. Prémio Nobel da Literatura em 2003, vem a Portugal para participar no Lisbon & Estoril Film Festival, que começa no próximo dia 8 de novembro. Homem de poucas palavras, raramente dá entrevistas

AUTOR



CLARA FERREIRA ALVES
Jornalista

Não se contam pelos dedos de uma mão as entrevistas concedidas por John Maxwell Coetzee (Cidade do Cabo, 1940). Porque são raras, raríssimas. JM Coetzee, Prémio Nobel da Literatura, está nessa galeria contemporânea onde só cabem um Nabokov, um Saul Bellow, um Gunter Grass, um V. S. Naipaul, um Graham Greene, um Philip Roth... A dos ilustres escritores que, parafraseando Salman Rushdie, deixam um risco na superfície do mundo. Depois da publicação de "Disgrace", que teve receção crítica unânime, a da consagração do génio, Coetzee tornou-se ainda mais conhecido. Colaram-lhe dois rótulos: um dos maiores escritores de sempre; um dos maiores reclusos de sempre.

JM Coetzee não é um misantropo. Nascido na África do Sul, é hoje um cidadão australiano que ensinou na universidade de Adelaide, cidade onde vive com a professora Dorothy Driver. E tem uma atuação política, pedagógica e cívica que o distinguem, por exemplo, de J. D. Salinger.

Interessa-se pelos direitos dos animais. Fre-

quenta colóquios e congressos, escreve extensivamente sobre outros escritores em revistas e jornais literários como "The New York Review of Books", aceita prémios. E parece ter desenhado Portugal no mapa das afinidades eletivas, visto que já veio duas vezes ao Festival de Cinema do Estoril (a convite de Paulo Branco) e prepara-se para vir a terceira vez.

Este festival, de cujo júri fez parte, aparece na correspondência trocada com o escritor americano Paul Auster, porque foi no Estoril que fizeram amizade. E partiu de Coetzee a ideia de trocarem duas ideias sobre o assunto. Coetzee encontrou em Paul Auster um interlocutor cosmopolita para uma espécie de longa entrevista e comentário sobre a vida e a literatura, a política, a estética. Ou o episódio sem consequência.

O nova-iorquino Auster é o oposto de Coetzee. Onde um é sombrio, o outro é luminoso, onde um é silencioso, o outro é exuberante, onde um é anguloso, o outro é harmonioso. O livro que nasceu destas epístolas literárias chama-se "Here and Now: Letters (2008-2011)". Aqui e agora.

É um livro que contrasta com a imagem pública do sobredotado que foi definido por um compatriota seu, sul-africano, o escritor Rian Malan, como "um homem de uma autodisciplina e dedicação quase monásticas. Ele não bebe, fuma ou come carne. Pedala longas distâncias em bicicleta para se manter em forma e todos os dias passa pelo menos uma hora sentado a escrever, sete dias por semana. Um colega que trabalhou com ele mais de dez anos diz que só o viu rir uma vez.

CAPALIVROS

Uma pessoa conhecida esteve com ele em diversos jantares onde não pronunciou uma única palavra". Há fotografias de Coetzee na bicicleta, em competição. E é tudo o que há.

Coetzee é, sei-o por experiência própria num jantar onde estava presente (com Paul Auster), um convidado de poucas falas. Assinou os livros, coisa que nunca faz. Os seus livros autografados valem dinheiro. É reservado, de rosto fechado, bem educado, de uma polidez que intimida. A intimidação resulta mais do conhecimento prévio da escrita dele, de uma inteligência que fere, do que da pose. Não é um caso de ego inflacionado. E nada do que é humano lhe é estranho.

Nas fotografias do passado, JM Coetzee aparece com um rosto aberto, sorridente, feliz. Nas fotografias recentes, a cara mudou e não apenas por efeito do envelhecimento. Tragédias cruzaram-lhe a existência. A morte de um filho adulto. O divórcio e morte da ex-mulher. A doença da filha. E o exílio australiano, por mais confortável que seja, significou uma rutura sentimental e intelectual com a terra onde nasceu. E com a África do Sul depois do *apartheid*. JM Coetzee partilha com V. S. Naipaul a lucidez analítica que os faz duvidar da perfeição das sociedades pós-coloniais.

O último romance publicado, "A Infância de Jesus", não teve a unanimidade nem o favor crítico de "Desgraça" (publicados na Dom Quixote). Os críticos ficaram surpreendidos com esta distopia encenada em Espanha. Jesus não é nomeado no livro, porque o livro é uma alegoria que às vezes funciona como um enigma sem solução. Coetzee quis que a capa fosse destituída de letras ou imagens, vazia. Para escapar à curiosidade e ao peso do nome Jesus. Saiu Jesus em título da capa decerto por imposição editorial.

Martin Amis disse dele que tinha uma prosa e um estilo apostados em "impedir a transmissão do prazer". Disse também "o homem não tem talento". Uma *boutade* e uma injustiça.

Com todas as glórias e homenagens que o transformaram no mais premiado, considerado e condecorado escritor da língua inglesa, John Maxwell Coetzee é um grande e talentoso escritor que não gosta de conversar nem de responder a perguntas. Esta entrevista (feita por e-mail) foi concedida (o verbo conceder é importante) com condições estreitas: não falar do último livro, "A Infância de Jesus", não falar dos outros livros, não falar da obra ou da vida. As perguntas tiveram de ser geneticamente modificadas, caindo na abstração, de que ele se queixa numa resposta.

O biógrafo J. C. Kannemeyer, especialista e biógrafo de literatura africânder, ousou escrever uma biografia de Coetzee: "JM Coetzee, A Life in Writing". Morreu em 2011, antes da publicação do livro. Um livro factual, sem opiniões do biógrafo, com o qual o escritor colaborou, que autorizou e que acompanhou. JM Coetzee abriu-lhe as portas de casa, mostrou-lhe os papéis e manuscritos, deixou-se entrevistar metodicamente. Sem esta colaboração não haveria biografia. E o livro resultante demonstra que um génio pode estar preocupado com a posteridade. O perfeccionismo de Coetzee cedeu à privacidade. Ficamos a conhecer factos da vida e do passado. A família perturbada, o período escolar, a ida para Londres, o período americano, a vida de profes-



Nelson Mandela não é um ator no palco político da África do Sul desde a sua retirada da presidência, há muitos anos. A morte do senhor Mandela, agora ou numa data futura, não marca uma época da África do Sul

sor, os hobbies e, pasme-se, o sentido de humor. Coetzee gosta de cozinhar. Estes pormenores são contados para humanizar o biografado, "o príncipe da escuridão" da narrativa romântica, e desempenham um papel essencial na hagiografia.

No seu trabalho crítico, recolhido em diversos volumes publicados, JM Coetzee revela-se o melhor e mais apetrechado crítico literário vivo. Sucede a John Updike e, às vezes, supera-o, negando qualquer superficialidade da abordagem formal. O melhor crítico é o grande escritor. Coetzee é também um grande leitor. Aprecia-se nos ensaios literários (e nas traduções que fez) uma generosidade para com outros autores que não aplica aos jornalistas. Claramente, o jornalismo não é para ele um estado ou ato satisfatório. E a biografia ou a opinião, reserva-as para os livros que assina, onde se mostra e se confessa sem constrangimentos, ocultando-se através de um jogo de espelhos com as personagens, incluindo o seu *alter ego*, Elizabeth Costello. Um dos seus heterónimos. A autobiografia ficcional praticada com arte e devassa da intimidade.

Esta entrevista, feita, como no título da biografia, "On His Terms", é um tratado sobre a brevidade. Ele respondeu, do seu endereço de e-mail, em 24 horas. Antes de ser escritor, Coetzee foi um matemático e um linguista, e nota-se. Palavras são ou devem ser como números. Exatas. Secas.

Este é o autor que, em rapaz, quando na escola da Cidade do Cabo os professores lhe pediram, e aos colegas, que se autodesinissem, respondeu: "I refuse to Rock and Roll".

Algumas personagens suas são estrangeiros numa terra estranha. Pessoas deslocadas, equivocadas. Fora do sítio. Pessoas que não têm mais nenhum lugar para estar senão ali. Aqui. Pessoas que têm fome todo o tempo, nas suas palavras. No seu último livro vemos arame farpado, blocos identificados com letras capitais, um Centro de Reubicación. Nos campos de refugiados, as pessoas esperam e são tratadas como animais. Arru-

madas e alimentadas. Espanha tem alguns campos para africanos à espera de entrarem na Europa. Esteve lá, viu algum destes lugares? As vítimas do Estreito de Gibraltar? Os animais são mortos depois de reunidos num ponto de recolha. Por isso, não é estritamente verdade dizer que os refugiados são tratados como animais, na Europa, na Austrália ou noutro lugar. Para responder à sua pergunta, não, nunca visitei nenhum dos campos no sul da Europa.

A maior parte das suas personagens são impotentes. As coisas acontecem às pessoas, acontecimentos que não controlam. São esmagados pela burocracia, por regras que não fizeram ou não conhecem. Quando uma personagem tenta fazer a coisa certa, compor as coisas, é desviada por acontecimentos externos que a transcendem. E alguma coisa má acaba por acontecer. É acusado de ser um autor sombrio por causa disto. Concorde? Não é estranho que pessoas vulgares se encontrem numa situação de impotência perante a burocracia. O contrato que funda o Estado requer que os cidadãos entreguem o poder ao Estado; em troca, os cidadãos esperam que o Estado mantenha a paz e os trate justamente. Estas esperanças nem sempre são fundadas; só raramente são satisfeitas. Porque é que a forma de governo que inventámos nos desaponta tantas vezes? Não posso dar uma resposta satisfatória exceto para dizer que somos criaturas caídas.

Uma distopia em Espanha. Por amor a Don Quixote? A minha admiração pelo livro "Don Quixote" é infinita. Os meus sentimentos pelo homem Don Quixote são mais complexos, como devem ser. Incluem exasperação, o género de exasperação que os idealistas teimosos muitas vezes nos provocam. Tem o livro escrito na cabeça quando o começa a escrever ou vai fazendo a viagem junto com as personagens, como faz o leitor? Não tenho um método de composição.

Somos todos corpos no passado, exceto, escreva você, as crianças. As crianças vivem no presente. O passado é um fardo ou uma memória útil? Uma identidade? A pergunta é demasiado geral para ter uma resposta interessante. Não sou eu mas uma das personagens de "A Infância de Jesus" que proclama que o passado é um fardo.

As pessoas necessitam de um sentido de pertença que lhes é dado pela burocracia. Pelo Estado. Havia um censo romano no tempo de Jesus. Poderiam existir fora do Estado? Morrer fora do Estado? Sempre me pareceu curioso que os dois factos, sobre nós com que o Estado mais obsessivamente se preocupa sejam a data e lugar de nascimento e a data da nossa morte. Sem um registo do lugar e data de nascimento será difícil, senão impossível, a um indivíduo possuir o que o Estado chama uma identidade.

Alguns escritores europeus dedicaram-se a pensar e ficcionar o totalitarismo e suas variadas formas. Ou um ambiente privado do oxigénio da liberdade. Kafka, Beckett, Orwell... Burocracia e obediência foram aliados poderosos do nazismo, estalinismo, maolismo, os ismos do século XX. Sente-



-se parte desta tradição? Tenho dúvidas quanto à premissa da pergunta. No caso de Kafka, não é o Estado totalitário que sufoca personagens como Joseph K. mas o Estado burocrático, do qual ele, como cidadão do Império Austro-Húngaro, tinha uma longa experiência. Se as personagens de Beckett não têm liberdade, não é pelo peso do Estado totalitário (e será que as personagens de Beckett não têm liberdade? Pode-se argumentar que têm excesso de liberdade e não sabem o que fazer com ela).

Pergunta, numa carta a Paul Auster, se um dia poderia perder o poder para escrever ficção. Poderia escrever um livro mau, diz, e esse seria o último livro. Publicaria esse

livro? Ou matava-o? Não é uma pergunta tão simples como pode parecer. Seria possível que, quando se perdesse o poder de escrever ficção, se pudessem perder também o poder de distinguir a escrita viva da escrita morta.

Quando os escritores morrem, toda a gente vai rebuscar todos os papéis privados, trabalhos não publicados, todo o farrapo inútil ou bocado útil de biografia ou memória dos vivos. Concorda com a necrofilia do marketing? Quando um escritor morre, os papéis dele ou dela (cartas, manuscritos, etc.) formam parte do legado. A lei exige que

o legado de cada pessoa falecida seja regularizado mais ou menos rapidamente. Não é estranho que o destino dos papéis do escritor seja decidido logo a seguir à sua morte.

Por que razão autorizou J. C. Kannemeyer a ser o seu biógrafo? Para ter uma medida de controlo? Alguma vez googlou o seu nome? Costuma ser uma experiência terrível. Fora de controlo. O livro de J. C. Kannemeyer não é uma biografia autorizada. Se ler o prefácio cuidadosamente, verá que ele não o reclama. O facto é que cooperei com Kannemeyer dentro de limites cuidadosamente definidos. Não tive controlo sobre o que ele escreveu, nem tive algum desejo de exercer controlo.

Depois de J. D. Sallinger, é conhecido como o autor mais recluso do mundo. Rian Malan estabeleceu isso quando escreveu sobre si e a Wikipédia se apropriou das palavras e da citação. Ao mesmo tempo, é um escritor atento e comprometido com o mundo, nas suas ações e na sua escrita. Aquela reputação, estabelecida na selva da Internet por um estranho, um homem que mal conhece e que não o conhece a si, incomoda-o? Penso que é um triste comentário sobre o estado atual do jornalismo, que quanto mais vezes uma opinião é apropriada, copiada e repetida na internet, mais veracidade lhe é atribuída.

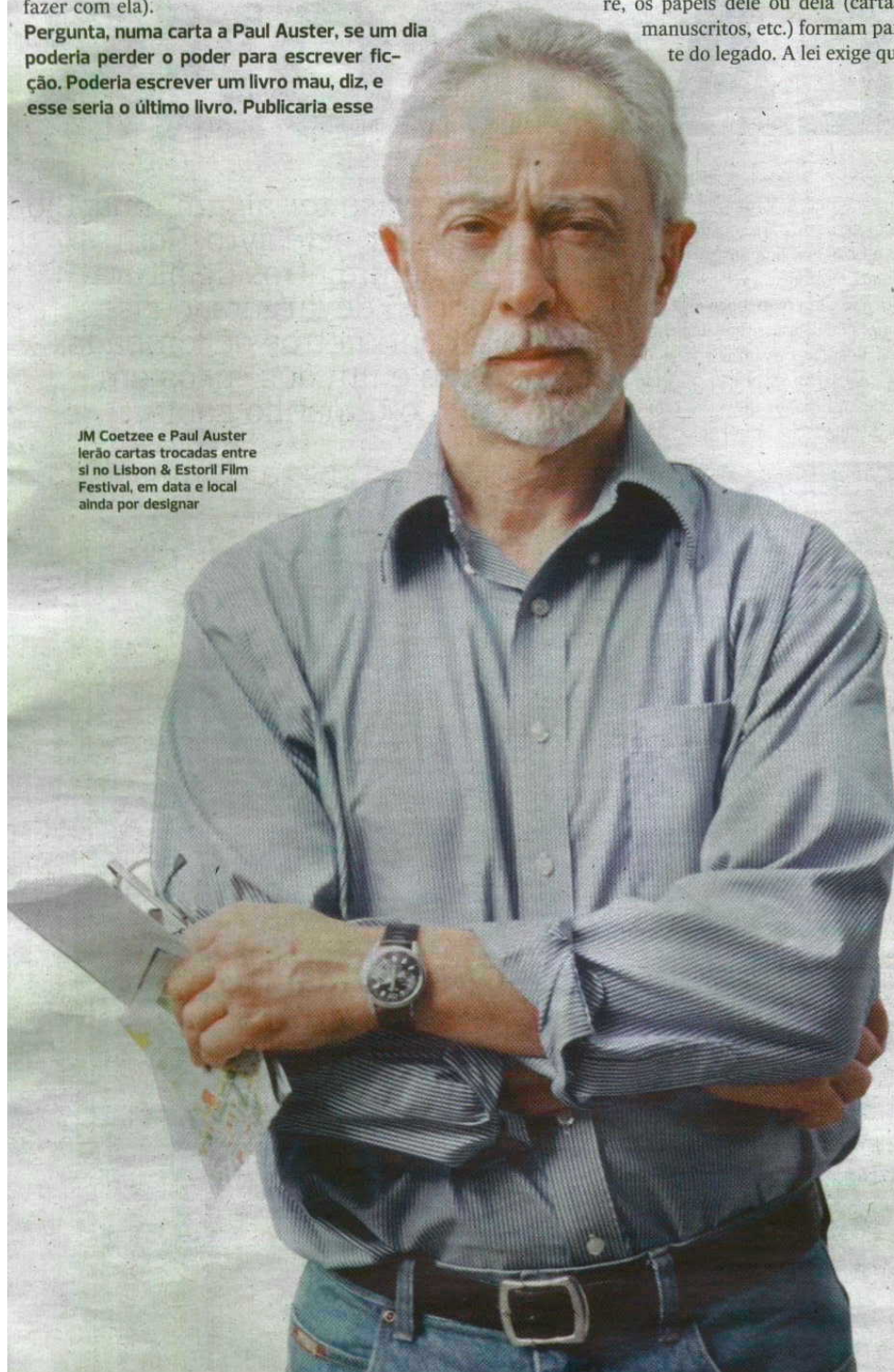
É um cidadão australiano. Na África do Sul, o senhor Mandela está a morrer. Ainda se interessa pela África do Sul e por um futuro sem Mandela? Nelson Mandela não é um ator no palco político da África do Sul desde a sua retirada da presidência, há muitos anos. A morte do senhor Mandela, agora ou numa data futura, não marca uma época da África do Sul. Pode mesmo dizer-se que não tem havido uma modificação crucial nos assuntos do país desde as eleições de 1994 e que, num certo sentido, o país tem andado à deriva.

O problema do mal aparece muito nos seus livros. Foi membro do Committee of Social Thought da Universidade de Chicago, tal como foi Hannah Arendt. Passa agora nos ecrãs europeus um filme sobre ela, de Margarethe von Trotta. Gosta de cinema. Viu ou tenciona ver este filme? Não vi o filme de Margarethe von Trotta.

Tem ascendência alemã. Escreveu muito sobre autores alemães e judeus, sobre a Mitteleurope. Na Europa, hoje, discute-se o chamado problema alemão e a História alemã o tempo todo. Devido às medidas de austeridade. Na Grécia, a Alemanha é odiada e os fantasmas da Segunda Guerra Mundial andam à solta. Gunter Grass disse-me uma vez, a seguir à queda do Muro, que a reunificação alemã era um erro e que a Alemanha destruiria a Europa uma terceira vez, não militar mas economicamente. Que acha disto? Não posso responder a Gunter Grass sem saber exatamente o que ele disse. O que significa "destruir a Europa economicamente"?

Fernando Pessoa, o grande poeta português, viveu em Durban durante a sua infância e adolescência. Conhece a sua obra ou parte dela? Li muitos poemas de Pessoa mas nunca fiz um estudo sobre eles. ▴

JM Coetzee e Paul Auster lerão cartas trocadas entre si no Lisbon & Estoril Film Festival, em data e local ainda por designar





ID: 50346919

19-10-2013 | Atual



ENTREVISTA
EXCLUSIVA AO NOBEL
DA LITERATURA
DE 2003 **P6**

JM COETZEE



**Entrevista
exclusiva a
JM Coetzee**

**Vencedor de um Nobel
e de dois Booker Prize,
o escritor naturalizado
australiano diz ser leitor
da poesia de Pessoa**

A6